

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## Inventario dos „Fantoches”

O que eu revolvi — Aspectos singulares duma sociedade — Os melos sociaes e as suas fachadas — As camadas que me são fleis — O fio para o povo

O momento historico, neste final ardente de junho, é o de um país que vai para as aguas. Para o conseguir empenha-se, a sua divida é uma pedra que o levaria para o fundo se, realmente, ir para as aguas significasse tomar banho.

Nem sequer para muitos dos portuguezes é uma necessidade tal deslocamento. É um luxo, um dos muitos postigos desta sociedade que se mergulhasse ao mesmo tempo num oceano o sujaria, o embarrentaria, o enegreceria. Não seria seu corpo a nascente desse limo, dessa vasa por que é exatamente quem mais se desencarola por fóra, quem mais se ajo anda por dentro se tomarmos por gente lavada — o que nem sempre é certo — a das camadas superiores e se não nos prendermos com, pelo menos, uma exceção na camada politica. O que toldaria o mar seria as suas almas.

Enquanto os comboios se atocham de viligiaturistas, como dizem os elegantistas das gazetas, cujas secções de janotismos se encompridam dia a dia, eu ao passear meus olhos por tantos nomes celebrados à força de repetidos, pergunto a mim proprio se com suas malas, seus dons, seus exhibicionismos, essa gente, da vida alta, não tem o ar de um rebanho seguindo o mesmo pastor: a toleima.

Roberto, porem, que anda ancioso de se misturar nas turbas, onde seus *Fantoches* não chegam, um tudo nadinha aleninado, assevera que lhe parece antes uma alcateia.

O quê? Pois aquêlas pessoas tão *chics*, tão do grande tom, magistrados, ministros, militares, jornalistas de categoria, diplomatas, ricos industriaes, o sangue azul, o sangue verde, o sangue dourado — o da nobreza,

o da republica, o do negocio — refervem como o dos lobos saindo de seus fojos para uma excursão necessaria quando a fome aperta e os rediões estão mal guardados sob os nevões?

Não, É antes uma alcateia que se prepara para novas sortidas. Aquellas aguas são os seus aperitivos.

É certo que vão para ellas muitos doentes, muitos entoxicados, muitos que carecem descansar, a maioria — porem —, mesmo quem não se desloca, tem o ar de ir ás aguas para marcar sua mentirosa posição na vida.

Aqui — eu analisei o bem por vezes cheio de pasmo durante as 78 semanas decorridas nas paginas deste panfleto —, em Portugal tudo mente desde o clima, em certos dias, até aos cães em certas circunstancias.

Lisboa — sobretudo — com seu sol loirinho, suas brisas e seu encanto de sociedade equilibrada, só nos *carnets* das gazetas, é uma grande trapalhona. O seu clima é de façadas em algumas tardes quando as mulheres saem decotadas, semi-nuas e nós de fatinhos leves. Acouta-se, cauteloso, o vento nas esquinas e, de repente, desdobra-se na rajada que é uma rasteira para nos contorcemos a segurar o chapéu, no frio que é a ponta da naifa a penetrar-nos pneumonizando-nos. Não se verte logo sangue. Esta navalha — tão lisboeta — provoca o escarro.

Talvez que o vento da capital queira assim obrigar-nos a enojarmos-nos mutuamente.

Dizia eu que tudo mente neste burgo, nos arrabaldes, nas brenhas, por todo o país e falei nos cães, ainda ha pouco citados exemplares de fidelidade e agora já subornaveis como qualquer politico. Desde que se lhes dê — e ha provas claras disso — uma galinha cosida deixam devastar um galinheiro. E não são apenas os rafeiros que abatem com os colminhos cheios; succede o mesmo com os cães da Serra como numa endemia. Imagina-se a passagem pelo alcantil de politicos de mãos ávidas, o que, com o faro natural dos perros, gera a absorpção, do ambiente desmoralizante.

Rodopiam as mentiras; vive-se numa absoluta falta de coragem e de franquesa. O simbolo deste povo por esta epoca, no semestre em que escrevo, é a batota integral, absoluta, completa.

Das mais altas funções ao baixo povo uma bandalheira esvoaça como um estandarte de corsarios.

Os ultimos acontecimentos definem este país nesta hora. Almejo outra melhor mas para isso é preciso reamassar a materia prima. O quadro é negro; branquea-lo equivale quasi a destrui-lo.

Os ministros são socios de firmas commerciaes e os commerciantes já não podem viver sem terem nas suas empresas os governantes. Quando se deseja um favor para Banco ou Companhia mete-se um politico para a gerencia e a sua infiltração nos negocios jorra até ás sargetas por uns degraus naturaes. Ha deputados que representam mais as firmas que lhes pagam do que os circulos por onde foram eleitos e se acaso uma voz sincera se ergue a verbera-los, o espirito da sociedade do trafico acorda e pretende-se, desde logo, abafa-la. Toda a gente quiere enriquecer. Uma transigencia de dignidade revela-se quotidianamente. As esposas dizem para os maridos: «rouba que os outros não são mais do que tu e eu não quero ser menos do que as mulheres deles!»

Alguns abrem os olhos espantados e acabam por encolher os ombros diante da impunidade gosada pelos seus vizinhos enriquecidos na balburdia da ganhuça. Citam-se, baixinho, especulações, infamias, crimes, atri-

buidos a uns e a outros e quando se vão condenar taes trampolinices, protervias ou horrores um côro sóbe louvaminheiro e invejoso: «Aquillo é que é esperto!»

Ser esperto é blasonar amor à republica, nas cadeiras do poder, e mete-la nos cofres fortes dos banqueiros; é ser opposição e defender os ministros postos em cheque, em nome duma singularidade: a vida particular dum homem publico! Quem tem medo de vêr em discussão sua existencia intima é um hipocrita e dum governante não se deve jamais suspeitar. Ah! ser esperto é ganhar ao estado para fiscalisar os Bancos e jogar com os seus papeis, receber ordenados para vigiar os criminosos e comer com eles, é arranjar dinheiro seja como lôr, é ter um palacio ou um automovel e um nome de ladravaz bem reclamado.

Outrora, quando a imprensa acusava alguém de concessionario, ou de qualquer delito, imoralidade ou apenas o apontava como suspeito de praticar, havia desmentidos e repulsas feitas pelo indicado que, se era um homem de bem, corria a justificar-se para não ter que emigrar. Hoje — com que arrepio o escrevo! — chamar a alguém ladrão, em letra redonda, equivale a lança-lo num grande torvelinho de negocios. É o seu reclamo: é a sua taboleta. Pretende-se fazer uma pouca vergonha, dar um assalto e carece-se dum cumplice bem colocado.

Os nomes passam de bôca em bôca e ha muito por onde escolher. Catalogam-se, até, por especialidades: excelente para comprar cambiaes, ótimo para captar juizes, bom para arranjar passagens aos direitos, magnifico para amordaçar jornalistas, incomparavel para amarrar ministros. São os tecnicos deste meio; são os pilotos deste recife, são os guias deste pantano.

As classes baixas observam estes exemplos do triunfo das camadas superiores e não se deteem. Como os grandes comerciantes roubam, os pequenos imitam-nos e como tudo se corrompe nas levas de criminosos, que embarcam de dia e algemados por essas ruas, não se veem senão caras de esfomeados entre as baionetas duvidosas do exercito. O que é o exercito? É o expoente disto tudo. Soldados que não tem ideal, chefes que se lhes subordinam. Tudo falso desde as consciencias ao ouro dos galões e se assim não fosse tornar-se-la impossivel esta derrocada social que vai fedendo, por aí, ao sol enquanto o país diz aprestar-se para ir ás aguas que, naturalmente, aparecerão, em breve inquinadas.

No nosso meio é tão difficil apontar um homem que não se venda como um que não seja condecorado; é tão custoso topar uma mulher, como eram as nossas mães, — conscientes, sacrificadas, todas do lar, — como vêr uma que não mostre, por essas ruas, os ombros e os seios e não exhiba a mentira na grossura das pernas, na côr dos cabelos, na vida dos olhos. Caras e corpos que mentem palavras que não falam verdade! Dir-me-ão que ainda se chora, em Portugal, e que as lagrimas não são, muito a miudo, mentirosas. Ah! algumas vezes é uma maneira de ir ás aguas o pranto porque as aguas desses mentirosos olhos conduzem onde querem os tolos que as veem derramar e se comovem.

Ha muitas miserias, é certo; muitas desgraças e muitas dôres. Nas sociedades infectas abundam as torturas maximas como dos esterquelinios saem miasmas. Existem, todavia, mendigos ricos como ministros corruptos, industriaes açambarcadores, militares cobardes, jornalistas venaes e — num cumulo — até cães que se deixam subornar dos quaes ha poucelhes falei.

Durante 78 semanas revolvi todo este lodaçal e verifiquei não haver senão um meio de modificar toda esta feira de interesses. Trabalha-se duramente e pervertem-se os trabalhadores diante do espectáculo ignobil dos dirigentes associados na exploração; um egoísmo feroz alastra como pipas de dejetos num palmo de jardim, um grande descaramento prepondera e é tal o desdém pelas cousas superiores e dignas que ainda ha pouco um bispo teve que verberar os ricos indiferentes aos males dos pobres e até da propria igreja. Sinto no ar uma rebelião, a que vai da minha alma; constato que não fiz uma obra inutil. Ouvi rugir em volta das paginas deste panfleto; ouvi tambem soluçar e os males que marquei, a plutocracia que quis apontar à camada burgueza que me lia, está desmascarada; a moagem, para a qual chamei as atenções, vive num conflito perpetuo. Todavia os *Fantoches* não são — na sua actual situação de preço — a arma de que careço para acabar utilmente esta batalha. O povo só me lia — e eu sei-o por seus aplausos — quando os seus jornaes me transcreviam e, por isso, tendo, a esta hora — em que todos vão mergulhar nas aguas ou encher-se d'aguas — alguns milhares de leitores e um apreciavel lucro para a minha pena, deixo-os, não desiludido mas convencido que devo procurar um meio mais directo de conversar com o verdadeiro povo, certo de que precisa dum fio de alarme que o ponha em maior contacto comigo e hei de te-lo se quando esta gente voltar das aguas não vier um bocadinho mais limpa.

## O arcebispo ... "bolchevista" ✓

O egoísmo dos opulentos—Rufos sobre as peles dos pobres—O crime dos soberbos—Velhas doutrinas e novos crêdos—Do céu para a terra

O sr. arcebispo de Evora dirigiu-se, ha dias, aos seus diocesanos numa prédica sincera, a qual um republicano avançado, e demolidor das boas doutrinas, capitulou de bolchevista.

Não li as palavras do prelado mas concluo, pela indignação do jacobino, terem elas sido de molde a perturbar a boa digestão dos enriquecidos dentro dêste regimen. O bolchevismo equivale, para certos casos, ao que outrora se rotulava de jesuitismo.

Gritou-se contra o jesuita sempre que foi preciso desviar a atenção do povo doutros assuntos. Actualmente é o bolchevismo que serve para a metralhada de tropos contrariantes da actual moralidade portuguesa.

Quem enriqueceu, quem se opulentou imagina-se livre de obrigações e de deveres para com os humildes, para com os desgraçados. Uma grande furia de goso enche as almas e a caridade morreu desde que acabaram as grande fortunas proprias, não provenientes da espoliação.

As Misericordias, casas dos indigentes, logares de abrigos das desventuras, portos onde ia dar a pobre alma humana, dolorida na sua carcassa torturada, não teem já quem os socorra. Sem a caridade dumas senhoras portuenses a da capital do norte, tão rica outrora, não poderia mais socorrer os pobres. Elas foram pedir, foram arrancar aos coíres fortes o dinheiro, destinando-o aos infelizes. São ainda algumas almas femininas as que se condoem da desgraça, as que guardam os pequenitos apanhados nos passeios, os garotos vadios dos cais. Mas é pouco. é muito pouco, é nada. Por cada um dos desgraçados que, roendo a desventura, vê passar os ricos nas suas pompas, uma maldição sôa.

As vezes nem os labios a pronunciam; vai directamente do coração aos olhos. Ha muito desprezo na lama dos automoveis, lançada sobre os peões. De ha tempo a esta parte vejo mais luzeiros colericos nos olhares. Á medida que sôam mais buzinas luxuosas escuto mais raivas. Elas

abafam os soluços baixinhos que se soltam nas mansardas, mas não apagam as dôres rudes e sacudidas dos famintos.

Os grandes ricos teem filhos e acastelam os seus crimes para os tornarem felizes. Acreditam tão pouco na justiça divina que nem reparam nas carnes inocentes que sacrificam para darem os seus passos até aos seus cofres. Não são como guerreiros conduzindo soldados à morte em nome dum ideal, na sombra duma bandeira rota; são como magarefes comboiando as manadas para os matadouros. No fim da vida de cada trabalhador ha sempre um senhor que possui a sua pele. Imagina-se que ela vai descer à terra, envolvendo ainda a sua pobre carne maguada, mas não é assim; não se deve acreditar em tal. Aquele tecido não passa dum envolucro banalissimo; a verdadeira pele do produtor, a de todos nós que trabalhamos, já houve quem a devorasse ou quem a transformasse noutros artefactos. Assim como das peles dos cães, dos gatos, dos bois, dos castores, das martas e dos ratos se fazem luvas, sapatos, chapéus, estolas e enfeites, tambem das humanas, das que cobrem os ossos dos desherdados se fabricam trajos de gala, carros de espavento, banquetes orgiacos, magnificos palacios. Tudo isto, tudo quanto é mal adquirido, safu das nossas peles. Elas foram no passado, são ainda e sê-lo-hão algum mais — só algum tempo — a materia prima dos prazeres de quem os explora. Rufando numa pele de pobre, o rico explorador, como um sal-timbanco, atrai a freguesia.

Pele de pobres, tudo quanto eles teem, tudo quanto eles arvoram, mesmo a sua caridade, se alguns a fazem sinceramente. A pele do pobre é o melhor provento do rico.

Como ha sempre imensas no mercado, todos os dias nascem, logo vêem se lhes servem ou não as apresentadas na feira onde se mostram. As que são tenrinhas, a das crianças, a dos doentes põem-nas de lado, como os camponeses fazem aos jumentos cheios de maduras. Largam-nos ao longe; as feridas já prefuraram de tal maneira o coiro do asno que não ha maneira de o aproveitar. Do mesmo modo a enfermidade já devastou tanto o humilde ou a infancia dum infeliz é ainda tão inutil, para ser aproveitada que mais vale nem reparar nelas. Por isto não ha crèches, não ha hospitais, nem escolas, nem lactarios, nem cosinhas economicas subsidiadas pelos ricos que diariamente vão engrossando os seus cabedais.

Encheu-a — a essa raça triunfadora, de hoje sobretudo, — um grande desprezo pelos que consideram os vencidos; não acreditam na Providencia; riem-se da justiça, que compram, e imaginam ser a Religião cousa tão desnecessaria como as peles dos pequeninos, dos doentes e dos velhos. Ela não lhes dá cousa alguma em troca, de uso immediato, palpavel, que se transforme em dinheiro, e, por isso, pouco se lhes importa a derrocada dos templos, a fome dos sacerdotes, a destruição dos altares, o fim

dessa luz que guiava os povos. Deus, lá no céu, não tem nada com o seu culto e a prova — asseveram eles — é que vão enriquecendo cada vez mais, mesmo com o seu desprendimento religioso, acumulando mais dinheiro para os filhos.

Para os filhos? É que esses curtidores de nossas peles não vêem que ao desinteressarem-se da linda moral da doutrina cristã, como ao repelirem os humildes que não lhes servem, o crime avança e a seu lado a revolta. Os sacerdotes, como nos velhos tempos, apontam já aos deuses as infâmias dos exploradores e na terra as suas vozes ecôam a gerarem agora um novo dogma: Querer na terra a felicidade prometida no céu.

Os santos, os doutores da Igreja venceram quando apontaram as infâmias dos opulentos; hoje vão vencer, na luz das suas aureolas, os que não as sabem calar.

Disse um desses celebres cristãos: «O grande rico é como o grande porco que fossa em todas as imundícies para ganhar gorduras superfluas.» Nós repetimos a frase, sentindo que cada vez mais suas almas se atocham nas banhas e que, perdendo em qualidades humanas o que agenciavam em suínas, a colera dos explorados não se deterá ao vê-los tão dessemelhantes do resto dos homens, na hora da justiça.

Se foi pouco mais ou menos isto o que disse o arcebispo de Evora, podem acoirar de bolchevistas suas palavras, mas, neste caso, o bolchevismo é tão antigo como a própria religião.

# A Ingratidão da moagem e seus frutos futuros

A modestia dos moageiros — A primeira escaramuça — O poder duma convicção — Os cúmplices e os tutelados — Novos combates para novos exitos

A moagem, como farta das pompas do reclamo, deliberou vender seus jornais e recolher-se á sua farinha. Pelo menos assim o asseverou em publico e se ha motivo para se duvidar dos seus ditos quando nos garante a sua honradez nessa materia de modestia não temos nada que lhe dizer. De resto o que convinha á industria geradora dos males nacionais era o anonimato. Desde que o povo soubesse os nomes dos seus dirigentes tornava-se-lhe difficil a felicidade. Não ha ventura completa; ou bem se ganha no tráfico ou bem se pompea na imprensa.

O moageiro, á força de tripudiar, de comprar trigo e almas, julgou-se no direito de sahir do seu casulo e vir á praça publica como vai á Alfandega. Desconhecendo a sua falta de direitos de cidade pôs-se a imaginar um mando claro, á luz do sol. Para isso nada melhor do que possuir um jornal e de guiar as penas dos reus redactores. Foi a vaidade que ajudou a perde-los.

Desvanecidamente — ao olhar esta minha labuta e ao sonhar com a ação mais directa nos meios populares — me capacito da influencia que exerci contra os grandes enriquecidos por aquelle desonesto processo de fazer fortuna. Tedavia, nunca citei os seus nomes. Já disse porquê. Por vezes os jornais transcreviam os mais calorosos trechos deste panfleto e a miseria é excitada como a fome.

Verifiquei o seu poder excitador e não quereria que a minha pena armasse um braço contra êsses inimigos do genero humano para os quaes exigia, e ainda exijo, o julgamento legal, já se vê filho da lei sahida da revolução.

Não posso, porem, deixar de fazer algumas reflexões em torno da

acção dessa sociedade cujo dinheiro tem conquistado imensas pessoas, as quais, amanhã — aí fica o aviso gratis — serão as suas maximas inimigas.

Como os bens da moagem são mal adquiridos, constituem os productos das amarguras de todo um povo, os homens que a servem querem sempre fazer-se pagar melhor.

Um jornalista, a soldo dela ganha o dobro de qualquer outro; os advogados de seu uso carregam-lhe nas contas, e bem assim os fiscaes, os deputados, os seus agentes, os seus lacaios. Só os operarios não levantam as férias merecidas como promotores das colossais fortunas dos seus amos cujos palacios são deslumbradores, talvez para com tanta maravilha esperarem deter as coleras na hora da invasão.

Claro que colocar uma pena ou uma voz ao serviço de quem delapida o país é aceitar uma cumplicidade e correr os riscos dessa conivencia, merece, realmente, um pagamento pingue. Não se defendem infamias pelo mesmo preço que vulgares delictos. Aos jornalistas que num impeto, ante a revolta de seus camaradas, aceitaram ocupar os logares que elles deixavam vagos, eu fiz advertencias. Sairam deste logar frases de alarme. Mostrei-lhes o caminho mau que trilhavam e como, fatalmente, um dia seriam ou vencidos ou despresados. Isso já lhes succedeu e não ha maneira de evitar a falacia em torno de seus nomes. A moagem terá nos seus assoldadados de hontem novos e ferozes inimigos. Qual foi o seu lucro? Nenhum. Apenas mais uns mil reis no fim dos mezes e que se podiam bem dispensar. Os que defendem os moageiros devem contar com a sua ingratição. Para elles os seus cumplices são como os bichinhos da farinha.

Já se vê que todo o comerciarte quere ganhar, mas nenhum como o que trafica com o pão, por isso a psicologia deste é especialissima. Sabe muito bem que se não receber os lucros fabulosissimos, que lhes permite a magnificencia, o pão — o alimento do pobre — barateará. Pois todos os dias o augmento duplica a carestia da nossa pobre existencia. Em volta do pão giram os salarios e em torno destes todos os generos da produção. Por consequencia, quem enriqueceu á custa de semelhantes processos, é um inimigo de todos nós. Defender essa classe é cumpliciar-se nos seus crimes.

Acho, em verdade, muita graça aos seus amigos quando me apontam as fabricas e reclamam, de olhos em extasi:

— Veja o que é uma industria!

Desde que se sabe que quanto mais maquinas de produzir a miseria se montarem, mais se exercerá um poder sobre os sacrificados não é uma industria honrada a que assim se desenvolve. As proprias installações moageiras são a sua condenação. O estado, em nome do povo, já devia ter sequestrado esses bens que lhe pertencem bem como as fortunas

dos moageiros. Os seus defensores sofreram e virão a sofrer muito também. A amostra da ingratidão ante a pequena escaramuça, em que os industriaes foram vencidos, é o prologo do que sucederá na hora da derrota total, que se espera para breve.

Eu, já digo, se um dia o acaso duma bem intencionada revolta colocar os meus amigos no poder, não teria outro programa senão o já exposto em recentes numeros dêste panfleto. Condenar os que enriqueceram fabulosamente, traficando com o pão, é tão necessario como encarcerar os emprezarios da guerra, os autores da ruina sobre a qual os outros exploraram.

Conheço o sorriso pedante e desdenhoso com que leem estas cousas, os por mim considerados adversarios do país, mas consola-me a idea de que também quando se prégavam doutrinas noutras edades e se sacrificavam os seus cultores, se caminhava para a justiça. Hoje não é preciso senão aplicar teorias e os risos desmaiarão.

O trabalho a realizar é junto dos desherdados; é preciso dizer-lhes as verdades e entre elas a maior, a mais forte é a seguinte:

*Quem trafica com o pão é inimigo do trabalhador!*

Que leiam isto aqueles que não pensaram antes de servir os inimigos; que pensem nesta frase os que os acaudilham ainda.

O dobar do tempo, dar-me-ha razão, sobretudo se, como é meu costume, souber fazer das vinte e quatro horas do dia, as 48 de que careço para ganhar o sustento e para combater.

## Os aviadores e o povo

As almas da multidão — O espirito dos governantes — O que se ama e o que se detesta — A frieza do alto mando — As regras e os usos

— «Partiram três dias depois de mim, chegaram três dias depois de mim e no mesmo espaço de tempo andaram o dôbro do que eu andei!»

Assim se exprimiu Gago Coutinho referindo-se a Brito Pais e Sarmiento Beires, os excelentes aviadores militares que fizeram, heroicamente, a travessia até Macau.

Nem tudo é lama neste vil mundo. Aquela frase o demonstra, a dar-nos a impressão de que os homens dos espaços não sentem como os da baixa terra. É, talvez, porque andam mais proximos de Deus.

É grato constatar as palavras nobres daquele velho, do iniciador dum grande feito, do consagrado herói nacional, fronte de modestia, alma de sensibilidade, ao qual só consola o triunfo alheio, a vitoria daqueles moços que foram pelos espaços continuar, em prol da nação, mais louros e mais renome para ela.

Vivemos numa época em que tudo é mercantilismo; o sonho tem suas azas quebradas, mergulha-se num poço de conveniencias, e, no entanto, — como me apraz sentir sempre moldavel a materia prima popular de que falo orgulhosamente! — ainda ha quem albergue fantasias, e, mais ainda, quem as deseje tornar realidades.

Isto verifica-se e sente-se intensamente, mas mais ainda nos deve alegrar a certeza da existencia de quem saiba premiar os heroismos. Uma alma colectiva vive, vibra, intensamente se revela, muito ruidosamente na sua marroquina festa de palavras, mas impressionante como entusiasmo, em tórno dos que honram a patria.

A comprovação do que aí fica está nas manifestações vivas do povo ao conhecer a feliz chegada dos aviadores a Macau. Aquelas multidões em delirio consagravam, ao mesmo tempo, uma obra bem sua. Foi o povo, fomos todos nós, quem pagou essa viagem, a qual nos foi satisfeita com usura. O espirito da turba, que às vezes é tão mau, tão pérfido, ressumou, nessas noites de gloria, bondade e ternura.

Mas, finalmente, se possuímos sensibilidades desta ordem, se temos quem tão fortemente sinta as cousas belas, porque não se sai do atoleiro

do pântano, não se batem azas solidarias e não nos alçamos colectivamente até onde devemos pairar?

Porquê? Porquê?

Porque este povo meridional, atavicamente amante das cousas grandiosas e belas, não tem persistencia para as amar eternamente, para jámais as esquecer, e, quando o mal, a desdita surge, não sabe evocar as suas horas de fé e de grandeza! Ele, porém, não é o culpado de tais irreflexões, de semelhantes volubilidades. Gôtas de sangue de muitas raças giram nas suas veias, longos seculos de expiação dum poderio vasto em demasia para tão acanhado territorio, foram a origem de tais miscelâneas, das quais nascem auroras com as vitorias e poentes tragicos com as derrotas. Reça de sonhadores côr de rosa ou negro, mas imaginando sempre. Por vezes vem uma anciedade de amassar toda esta gente num grande blóco e mostrá-lo ao mundo que sabe dos nossos soldados hericos, dos nossos aviadores sublimes, dos nossos sabios, dos nossos artistas, das nossas qualidades, mas não os vê senão debaixo da lousa das nossas dividas, das nossas desordens, dos nossos ruins gestos. Como crianças turbulentas que desvairam à menor contrariedade, os portugueses não podem conter seus impetos, mas seriam bem aptos, a-pesar-de tudo, para um esforço de regeneração. Basta sabê-los conduzir, dar-lhes motivo ao entusiasmo e conceder-lhes um pouco de bem-estar.

Mas porque não se tenta uma obra com semelhantes almas, coragens e sentimentos?

Porquê? Porquê?

Porque os governantes não estão à altura dos governados.

Em todos os países os dirigentes são, mais ou menos, o produto das vontades nacionais. Em Portugal não. Ha, mesmo nos nossos estadistas, um desconhecimento profundo da visão romantica do povo.

Os homens do mando, entre nós, são os frutos dumas aventuras mais ou menos secretas; galgam ao poder sem a menor preparação e, geralmente, tornam-se scepticos, cinicos, impostores, falhos de sinceridade, não se casando, por consequência, com o sentimento da multidão.

Quando este povo chegou ao frenesi nos seus aplausos aos aviadores vitoriosos, não encontrou lá quem saudar, não desceu até ele um homem da politica que chorasse e risse, num delirio igual ao seu.

O chefe do Estado, na sua correção protocolar, não encarnou a patria no instante em que lhes falou, na hora solene em que a alma da multidão voava para ele. Tambem, como podia sentir o povo quem o desdenhou sempre! Tendo umas vesanias de artista e um culto da exterioridade, mal sabendo o que é a vida dos humildes, ignorante da historia ou, pelo menos, seu deturpador — e, ainda ha pouco o provei quando se referiu ao papel das velhas Misericordias, — era o individuo menos apto para recolher a alma dos cidadãos entusiasmados. As suas respostas sêcas foram a expressão do seu sentimento ôco. Ir saudá-lo equivaliu a levar a um elegante uma cestinha de flores campestres.

Foi sempre grande a desproporção entre os dos sonhos gloriosos e os praticos da vida, mas agora, ou porque vivamos num momento transitorio ou porque olhemos muito os espaços, sente-se dolorosamente — oh! bem dolorosamente! — nestas duas especies de portugueses a distancia que vai do vôo das aguias ao pasmo estúpido dos sapos.

## A despedida de «Roberto»

Uma decisão e um desabalo — O que era uma  
colaboração — Os brados que não se calam —  
Quem berrador nasce . . . Meus senhores, lá  
vai o Roberto

«Isto que tem o ar duma despedida, não o é. Eu volto à rua, aos pobres, aos humildes, para lhes falar mais simples linguagem, embora tão sincera como foi a tua. Amparamo-nos; andamos juntos, vimos muitos males e apalpamos imensos crimes nas 78 semanas em que vivemos, eu, fantoche da feira, contigo, fantoche da pena. Vi os resultados, vi os exitos, vi os triunfos, vi o publico e a notoriedade da acção, embora rememorada nos resultados monetarios. Comprei um fato novo com melhores guisos; mandei ferrar o cacete, tornei-me um Roberto quasi desconhecido dos bairros populares.

Emquanto me dizias quereres trabalhar delicadamente a prosa e falavas de romances definidores, da sociedade, de cronicas contemporaneas, de novelas, de sonhos de uma obra aos humildes dedicada, eu, sentia-te longe deles, porque os pobresinhos não leem. Em todo o caso, esse plano de acção literaria sobre as classes cultas, mostrando-lhes as chagas, os erros, os crimes, na forma mais facil de apreender, na do romance, terá o seu exito, como nas novelas, mas não representa a acção directa e rapida de que careço, como incitador de rebeldias. Fica no teu gabinete a realizar esse trabalho mais cuidado que eu regresso aos meus farrapos. Todavia—amigo—dissemo las das boas, rasgamos muitas carnes, ferimos muitas susceptibilidades, puzemos em fóco, antes da irrisão publica, muitas infamias. Defendemos muita gente honrada e muitos desditosos; não transigimos jamais, e quando tu sangravas, ante tantos crimes que te apontavam, eu, com a minha rijeza populaceira, dava-te alento. Eramos dois seres num só. Tu o pensamento, eu a rebeldia; tu com as teorias dos livros eu com a experiencia das minhas dôres; tu num ceu paliando, eu na terra vendo e quando te ia revelar as minhas observações tu, como succede com as nuvens, despejavas a agua suja, que eu bebera em todos os pantanos, transformada numa chuva benefica sobre quem te lia. Assim lidamos 78 semanas e mais andariamos juntos, porque ninguem nos abandonou, antes, desde o começo a final, nos aplaudiram, se não tivesses esse desejo, não de repouso—porque estás condenado á lida—mas de variar a forma do ataque, da analyse, da marcha para a Justiça.

Emquanto ficas, no teu gabinete, volto á rua e não desisto de te narrar o que vir e de te pedir, ao menos, que, sobretudo, sem preocupações de estilo, inconvenientes para o que anseio, me ajudes, de quando em quando, no berro que eu, fantoche endiabrado, eu, com o meu nome de Roberto — tão conhecido — soltarei a pedir a pele dos criminosos, isto sem literatura e sem resguardos, a preço modico, chegadinho á rua.

E' que não desisto. Embrenha-te no teu sonho, mas não esqueças o combate nessas paginas que queres traçar.

Que digo eu?! Não poderás esquecer jamais, porque mesmo o teu trabalho não te deixará seguir caminho oposto, assim como o meu não me levará a diferir do que sempre tenho sido: o Roberto!

Sem vaidade, estas silabas contem todas as tradições da valentia e do desassombro da raça incarnadas num fantochim. Não desmereci delas ao teu lado. Apanhaste-me roto, desditoso e despresado na valeta, deste-me alento, trajo novo e guisos, empurraste-me para a faina. Deste-me, com a batalha, a saude, e assim, de novo, vou a meu mister, deixando-te no teu. sigo a minha rota e irei visitar-te, de quando em quando, nas horas em que a infamia fôr grande e toda a gente a beijar ou comer com sua bôca.

Então, nos momentos de crise nacional, de infectos negocios ou quando vir o povo a armar-se, eu correrei a dizer-te: Vamos, abraçame; venho da rua trazer-te uma mais rude, uma mais forte arma para a luta!

E será isto daqui a dias, a meses, ou a [anos, os que decorrerem, desde que nós nos separamos, tu para luctares no teu gabinete, eu para mergulhar na rua, na balburdia, mais forte e melhor apetrechado... Olá!... Olá!... Meus senhores, até á vista...»

Assim se despediu de mim o Roberto.

Fiquei a meditar e envio aos leitores a sua sacudida e sentida epistola.

# Indice

N.º 53 — A Libra e o padrão das revoluções — O desinteresse de Veniselos Costa e de Costa Veniselos — Uma granada de papel — O Natal e os grandes ricos — Os propositos do deputado Carvalho da Silva — Bastidores da Historia Contemporanea (A espada da Rotunda) —

N.º 54 — O Estado inimigo da Nação — Os lucros reservados dos Tabacos — O autentico «Pombo Mariola» — Os grandes ricos, a esmola e o sr. governador civil — Bastidores da Historia Contemporanea (Como Couceiro se escapou no 14 de Maio)

N.º 55 — O cheiro do Terreiro de Paço — O grande negocio dos sub-alugueis Os literatos e as negaças da posteridade — Na Trasladação do fundador da republica — Os monarchicos e o «Correio da Manhã» — Bastidores da Historia Contemporanea (Como Couceiro se escapou no 14 de Maio) *Continuação.*

N.º 56 — O baile da libra alta — Os grãos da «Seara Nova» e sua moagem — Os livros e as taxas do correio — Lendas. . . literarias — Mrs. Alphonses do Terreiro de Paço? — O meu fantoche e suas excellencias os «Fantoches Oliciais.»

N.º 57 — A demolição da Arcada — A morte de Teofilo — Os Trabalhistas e o futuro da Europa — O sr. Sergio quer ser ateu, graças a Deus — Camões — Camões . . . as — Os fidalgos de armas falsas.

N.º 58 — O dinheiro do mestre Teofilo — Nas exequias dos Martires — O congresso radical do Porto — A conta do Grande Hotel — Bastidores da Historia Contemporanea (Ditos, sinteses e comentarios de Teofilo).

N.º 59 — O nacionalismo e os seus chefes — A penuria da Ordem — O Porto que come e o Porto que paga — O coração ou as tripas do Porto? — Os «trusts» dos grandes jornais estrangeiros.

N.º 60 — O senhor Teixeira Gomes versejador — O «crime» do camarada Onofre — As queixas do dr. Magalhães Lima — O pé de obra do sr. Camoesas — A demissão de Sacadura Cabral — A ronda dos burgueses.

N.º 61 — O comicio extremista e a força dos politicos — As «estrofes» ao assassino de Sidonio Paes — Norton de Matos na barra — O banzé do ministerio das finanças — A psicologia dos bebedores de agua — O povo e os seus burlões.

N.º 62 — A Rainha das batatas — Sobre uma critica da «Batalha» — Uma promessa de 1000 contos — A comissão da carestia da vida — A revolução das taboletas — A bededeira colectiva.

N.º 63 — O peso dos grandes titulos — Os misterios da exposição do Rio de Janeiro — A revolução e os seus alvos — Os escravos brancos do Nyassa — Bastidores da Historia (como o dr. Bernasdino Machado enalteceu Sidonio Paes).

N.º 64 — Quem não tem barba. . . — A fauna de S. Bento — Os panfletos e a sua acção — As ortigas do meu quintal — Misericordia para as Misericórdias, sr. presidente da Republica! — A renuncia do deputado Fausto de Figueiredo.

N.º 65 — O homem que queria ser regicida — Um candieiro roubado que ilumina bem. — Um «truc» da loja «Montanha» — A tragedia de Campolide — Um ministro que procura salvar-se — Os «Camileiros» de golpe.

## INDICE

N.º 66 — Os filhos de Buiça e os herdeiros de seu pai — Os ossos do Marquês de Pombal — Os cleptomanos e os ladrões — Quanto custa um pontapé bem dado — As acusações do pinhal encantado.

N.º 67 — Reacionarios sabios, oferecidos ao sr. Teixeira Gomes — O soldado milhões e os millionarios — Os ingratos herdeiros do regicida — A Assistencia Publica e um ministro assistido — O doutor Batatas — O preço dos meus aparos.

N.º 68 — O auto dos soldados desconhecidos está errado — José Domingues, Polignac tripeiro — Perfil de João Bonança, candidato á presidencia da Republica — O meu brado do 9 de Abril — Em volta de um premio idealizado — O genio desconhecido da lapide da Batalha.

N.º 69 — O Yacht do sibarista — O Folar do sr. dr. Afonso Costa — Dai uma esmolinha para os bichos do Jardim Zoologico — O estado do «Lusitanicos» — O Secretario da constelação do Carneiro . . .

N.º 70 — Os acusadores da Republica — O brio da cidade do Porto — O Tinteiro das fezes — O Trigo e os seus detentores — Enciclica á «formiga branca».

N.º 71 — Ideias dum moageiro sobre a imprensa — Quais são os deputados da Moagem? — Quanto peor . . . mais caro — Os oitenta milhões esterlinos emigrados — Carta a José Sarmiento — O ex-capitão Delfim Maria e a sociedade Hipica.

N.º 72 — O pregão de Camozas e a imprensa — A Legação do Vaticano e o ex-seminarista dos Santos — Os Pereira da Silva de 1910, 1915 e 1924 na Treva da Historia — Programa para a cadeira de estudos pombalinos — As acusações do general Gomes da Costa,

N.º 73 — Carta a Malheiro Dias sobre a «Exhortação á Mocidade» — Se a Republica pagasse o que lhe deve . . . — O «espírito» republicano e seus usufruarios — A crise fatal dos jurados — O rebuçado «Justos».

N.º 74 — O verdadeiro responsavel do indulto do Leandro — Um projecto de lei sobre o exercito — Pombal e as linguas vivas e mortas — O exilio dos moageiros — Mr. Herriot e os portugueses empresarios da guerra.

N.º 75 — A Verdade sobre a embaixada de Londres — A Moagem perante a Justiça — O ogoismo das classes conservadoras — Os olhos cúmplices da Legião Vermelha — Coração de mós.

N.º 76 — O conde de X e a assinatura do «Correio da Noite» — Reparo ao folheto «A Moagem» — Quebra de azas — O picarêsco do «Sem Rei nem Roque» — Apreensões sobre as apreensões de jornais — O Comunista e seus farrapos.

N.º 77 — Os que vieram atraz . . . — O Teatro Joaquim de Almeida e os edis — Folheando as «Memorias dum Vencido» — Um chefe de Estado e os pontapés da democracia — Uma divindade invalida.

N.º 78 — Inventario dos «Fontoches» — O arcebispo . . . «bolchevista» — A Ingratidão da moagem e seus frutos futuros — Os aviadores e o povo — A despedida de «Roberto»

*M*  
*João*

